

MINISTÉRIO DA SAÚDE

DONA

IVONE LARA

MULHERES DA SAÚDE



Brasília - DF
2024



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria-Executiva
Subsecretaria de Assuntos Administrativos



Brasília - DF
2024

2024 Ministério da Saúde.



Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: bvsm.sau.gov.br.

Tiragem: 1ª edição – 2024 – 1.000 exemplares

Realização e idealização:

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria-Executiva

Subsecretaria de Assuntos Administrativos

Coordenação-Geral de Documentação e Informação

Centro Cultural do Ministério da Saúde

Praça Marechal Âncora, 95, centro

CEP: 20021-200 – Rio de Janeiro/RJ

Site: www.ccms.sau.gov.br

E-mail: ccms@sau.gov.br

Ministra da Saúde:

Nisia Verônica Trindade Lima

Secretário-Executivo:

Swedenberger do Nascimento Barbosa

Subsecretário de Assuntos Administrativos:

Rogério Guedes Soares

Produção executiva:

Coordenação-Geral de Documentação e Informação

Eva Patrícia Alvares Lopes (CGDI/SAA/SE/MS),

Centro Cultural do Ministério da Saúde

Fabiola Simoni (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS)

Equipe curadora de exposições:

Eva Patrícia Lopes (CGDI/SAA/SE/MS), Rodrigo Abreu –

suplente (CGDI/SAA/SE/MS), Etel Matielo

(Cogep/SAA/SE/MS), Daniela Maria Cruz Ferreira de

Carvalho – suplente (Cogep/SAA/SE/MS), Fabiola Simoni

(CCMS/CGDI/SAA/SE/MS), Thiago Grisolia – suplente

(CCMS/CGDI/SAA/SE/MS), Yole Maria de Mendonça

(Ascom/MS), Maria Inês Rodrigues Fernandes – suplente

(Ascom/MS), João Batista Geovanini da Silva (Ascer/MS),

Samara Araujo de Souza – suplente (Ascer/MS)

Design de exposição e identidade visual:

Luiz Baltar (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS)

Pesquisa:

Alice Barboza (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Jussara Alves (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS)

Produção:

Adriana Xerez (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Alexandre Terra (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Maria Clara da Silva (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Maria Luisa Fernandes (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Valquíria Alves (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS)

Textos e revisão:

Flávia Menna Barreto (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Marcio Nolasco (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS),

Priscila Campos (CGDI/SAA/SE/MS),

Rodrigo Abreu (CGDI/SAA/SE/MS),

Thiago Grisolia (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS)

Projeto Negomuro

Pinturas e estandartes:

Cazé (Direção de Arte e Pinturas), Cesola Mendes e

João Bella (Artistas Assistentes), Fábio de Souza

(Cenografia e Adereços), Pedro Rajão (Pesquisa e

Produção), Rafael Joselli e Thiago Augusto Alvarenga

(Design Gráfico), Rhuan Gonçalves (Produtor Auxiliar)

Participação:

Secretaria-Executiva (SE/MS); Secretaria de Atenção

Primária à Saúde (Saps/MS); Secretaria de Atenção

Especializada à Saúde (Saes/MS); Secretaria de Ciência,

Tecnologia e Inovação e do Complexo Econômico-

Industrial da Saúde (Sectics/MS); Secretaria de Vigilância

em Saúde e Ambiente (SVSA/MS); Secretaria Especial de

Saúde Indígena (Sesai/MS); Secretaria de Gestão do

Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES/MS);

Secretaria de Informação e Saúde Digital (Seidigi/MS);

Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass/MS);

Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde

(Conasems); Conselho Nacional de Saúde (CNS)

Parcerias:

Acervo FMS/RJ; Acervo particular Família Dona Ivone

Lara; Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-

Americana (CHCEIA) / Escola de Enfermagem da

Universidade de São Paulo (EEUSP); Museu da Vida da

Pastoral da Criança; Museu de Imagens do Inconsciente

(MI); Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da

Silveira (IMASNS)

Normalização:

Delano de Aquino Silva (Editora MS/CGDI)

Agradecimentos:

Família de Dona Ivone Lara

Família de Simone Leite

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos.

Dona Ivone Lara : mulheres da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos. – Brasília : Ministério da Saúde, 2024.

64 p. : il.

ISBN 978-65-5993-659-5

1. Mulheres. 2. Saúde pública. 3. Catálogo. I. Título.

CDU 614:331.08-055.2

Catálogo na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2024/0259

Título para indexação:

Dona Ivone Lara: women in Health



Dona Ivone Lara, a Grande Dama do Samba, foi a primeira mulher a assinar um samba-enredo e a fazer parte da ala de compositores de uma escola, a Império Serrano. Algumas de suas canções, como “Sonho Meu”, “Acreditar” e “Alguém me Avisou”, são hinos da música brasileira e já foram gravadas por centenas de intérpretes como Clara Nunes, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Maria Bethânia e Marisa Monte. Contudo, o fato de ser uma das maiores compositoras da riquíssima música brasileira é apenas parte da trajetória que a qualifica a dar nome ao espaço cultural do túnel do Ministério da Saúde (MS) e a ser tema da exposição que este catálogo apresenta. Dona Ivone Lara tem também uma história marcante na saúde pública brasileira, tendo sido servidora do MS até 1977, quando se aposentou e passou a se dedicar exclusivamente à música.

A exposição *Dona Ivone Lara e Mulheres da Saúde*, que esteve aberta à visitação do público interno e externo ao Ministério da Saúde de março a outubro de 2024, seguiu o conceito de um desfile de escola de samba, no qual o enredo foi a vida desta ilustre personagem. Uma narrativa dividida em alas nas quais, em ordem cronológica, os acontecimentos evoluíram em harmonia. Para garantir uma abordagem coesa e um impacto visual expressivo, o projeto NegroMuro, que atua no mapeamento da memória negra pela arte urbana, por meio de retratos e biografias de personagens históricos em muros e prédios do Rio de Janeiro, incluindo uma representação de Dona Ivone Lara, foi convidado a produzir pinturas inéditas.

A primeira ala apresentou sua ancestralidade e sua origem, num ambiente familiar extremamente musical. A segunda falou sobre sua carreira como profissional de saúde, o curso de Enfermagem, seu trabalho no Serviço Nacional de Doenças Mentais, desempenhando papel fundamental na humanização do tratamento de pessoas com sofrimentos psíquicos, além de sua especialização em Terapia Ocupacional. Na terceira e última ala, uma homenagem à cantora e compositora, além do seu papel na escola de samba carioca Império Serrano. A exposição contou ainda com estandartes, dando sequência ao desfile, em homenagem a outras mulheres com atuação notória no campo da saúde no Brasil.

Dona Ivone Lara é uma lenda da música brasileira, que encantou a todos com sua voz e suas belíssimas melodias. Mas ela foi também uma trabalhadora da saúde, que por 37 anos engrandeceu o Ministério da Saúde com sua dedicação e trabalho. Este catálogo que ora apresentamos registra a exposição que procurou enaltecer as duas facetas dessa grande mulher e artista da cultura brasileira!

Ministério da Saúde



A pequena Yvonne por volta dos 5 anos de idade.

Aceruo da família

eu vim de lá pequeninha

Foram me chamar
Eu estou aqui, o que é que há?
Foram me chamar
Eu estou aqui, o que é que há

Eu vim de lá, eu vim de lá pequeninho
Mas eu vim de lá pequeninho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão deegarinho.

ALGUÉM ME AVISOU
(Dona Ivone Lara)

Raízes:

Sorriso de criança A menina Yvonne, que viria a se tornar a grande Dona Ivone Lara, compôs sua primeira canção aos 12 anos. “Tiê” é um atestado da sua riqueza e inventividade melódica, um feito artístico incrível para alguém tão jovem. Nascida em 1922, tinha no sangue e no convívio familiar a musicalidade. Seu pai, João da Silva Lara, faleceu pouco antes de ela completar três anos, mas é difícil imaginar que seu talento como violonista autodidata não tenha sido herdado pela filha.



Aceruo da família

Yvonne, ao centro, entre as colegas do Instituto Profissional Orsina da Fonseca na década de 1930.

Outra herança recebida foi o talento da mãe, Emerentina Bento da Silva, a costureira e empregada doméstica que foi cantora do rancho Flor de Abacate. Dela, Yvonne não ganhou apenas a vocação musical, mas também a oportunidade de estudar no tradicional Instituto Profissional Orsina da Fonseca, fruto do esforço da mãe. Lá, segundo a própria Dona Ivone Lara, aprendeu a estudar com afinco, o que a levaria a se formar nas graduações de Enfermagem e Serviço Social, além de se especializar em Terapia Ocupacional.



Sua ancestralidade musical não se limitou aos pais. Com o falecimento de sua mãe, em 1938, Dona Ivone Lara passou a viver com o tio Dionísio, um músico que tocava com nomes como Jacob do Bandolim, Donga e Pixinguinha. Já sua tia, Maria Teresa, foi uma das principais divulgadoras e preservadoras do jongo no Brasil. E foi com seus primos mais velhos, Hélio dos Santos e Antônio dos Santos (popularmente conhecidos como Tio Hélio e Mestre Fuleiro), que ela aprendeu a compor sambas de terreiro, partidos-altos e sambas-enredos.



Foto: Ascom/MS. Flor de Abacate – Projeto NegroMuro

Sempre fui obediente
Mas não pude resistir
Foi numa roda de samba
Que eu juntei-me aos bambas pra me distrair
Quando eu voltar à Bahia
Terei muito que contar
Ó, padrinho, não se zangue
Que eu nasci no samba, não posso parar.

ALGUÉM ME AVISOU (Dona Ivone Lara)





Assistente social, em 1946.

EM cada canto uma esperança

*Cada tristeza, um desejo
De ser feliz e ter na vida
Um carinho, um momento
Sem pensar em sofrimento*

*Gente que passa no mundo
E não deixa uma saudade
Nunca teve alegria
Nem um gesto de bondade.*

EM CADA CANTO UMA ESPERANÇA
(Dona Ivone Lara / Delcio Carvalho)

Samba: Nasci para sonhar e cantar

A Grande Dama do Samba. É difícil encontrar um título melhor para Dona Ivone Lara, uma das sambistas mais influentes e pioneiras da música brasileira. Entrou no mundo do Carnaval compondo o samba “Nasci para Sofrer”, que se tornou



o hino da extinta escola Prazer da Serrinha. Em 1947, começou a desfilar na Império Serrano, pela qual escreveria “Os Cinco Bailes da História do Rio”, se tornando a primeira mulher na ala de compositores de uma escola de samba, em 1965.

No início dos anos 70, sua influência começou a sair do universo do Carnaval e se expandir para o cenário musical brasileiro. Apresentou-se em programas de televisão (como o do Chacrinha, na TV Globo), além das rodas de samba do Teatro Opinião e do Projeto Pixinguinha. Sua carreira musical seguiu em paralelo à



de trabalhadora da saúde até 1977, quando se aposentou, aos 56 anos. Ela já era aclamada pela crítica como uma das grandes cantoras e compositoras do samba, mas foi apenas um ano depois que gravou o primeiro LP: “Samba Minha Verdade, Samba Minha Raiz” (1978).

Gravou 15 álbuns e compôs mais de 200 canções, com parceiros como Mano Décio da Viola, Jorge Aragão, Caetano Veloso e Silas de Oliveira. O encontro com seu principal parceiro, Delcio Carvalho, rendeu canções inesquecíveis como “Sonho Meu”, “Acreditar” e “Alvorecer”; a afinidade dos dois era tão grande que ele a descreveu como uma “parceria mediúnica”.

Carteira funcional de Dona Ivone Lara, expedida pelo Ministério da Saúde em 1970.



Aceruo da família



Além de ser gravada por centenas de intérpretes, Dona Ivone Lara foi reconhecida em vida por sua contribuição à cultura brasileira. Foi a artista homenageada da 21ª edição do Prêmio da Música Brasileira, em 2010, e entrou para a lista das "Dez Grandes Mulheres que Marcaram a História do Rio", em ocasião do aniversário de 450 anos da cidade, em 2015. Uma das maiores honrarias que recebeu foi ter sido enredo da sua escola, a Império Serrano, com "Dona Ivone Lara: O enredo do meu Samba", em 2012.





Capa do disco
"Samba minha
verdade, samba
minha raiz",
de 1978.

Sonho meu, sonho meu
Vai buscar quem mora longe, sonho meu
Sonho meu, sonho meu
Vai buscar quem mora longe, sonho meu

Vai mostrar esta saudade, sonho meu
Com a tua liberdade, sonho meu
No meu céu a estrela guia se perdeu
A madrugada fria só me traz melancolia
Sonho meu

SONHO MEU

(Dona Ivone Lara / Delcio Carvalho)

Uma trab da saúde n



Aceruo da família



alhadora o Brasil

Enfermeira, terapeuta ocupacional, assistente social, cantora, puxadora de escola de samba e compositora (1922 - 2018).



O Ministério da Saúde tem o compromisso histórico de valorizar suas trabalhadoras e seus trabalhadores – que constroem o órgão no dia a dia, no anonimato, dedicando anos de sua vida para a consolidação do campo da saúde pública de maneira qualificada no País. Homenageando a servidora Dona Ivone Lara, homenageamos todas as pessoas que fazem parte da história do Ministério da Saúde.



*Aprender lutar na ribeira
Vender e trocar lá na feira
Ser fiel e ser companheira
Ser sambista por
brincadeira*

NOS COMBATES DESTA VIDA
(Dona Ivone Lara / Delcio Carvalho)





Guidado: Se o caminho é meu

O Brasil já conhece o inestimável legado da cantora, compositora e instrumentista Dona Ivone Lara. Seus discos, suas composições, sua imagem associada ao Carnaval do Rio de Janeiro já estão consolidados na história e na memória da cultura brasileira de forma incontornável – de modo que, como todo dis-

positivo de memória, esta exposição atua no sentido de preservar seu legado, mantendo-o vivo e pulsante.

Mas Dona Ivone Lara não foi somente um baluarte da cultura e da arte de nosso país. Antes de gravar seu primeiro disco, lançado em 1978, embora já tivesse trilhado um longo caminho no campo artístico, ela havia dedicado 37 anos de sua vida à instituição que abrigou esta exposição, o Ministério da Saúde.

Após concluir os primeiros estudos no rígido colégio interno Orsina da Fonseca, a jovem Yvonne viu-se diante da necessidade de colaborar com as despesas da família de seu tio, que a acolhera quando da morte de seus pais; seu primo, que trabalhava numa fábrica, estava às vésperas de conseguir para ela um emprego como tecelã. Quem conta é a própria Dona Ivone:

“Eu não me importei, não. Eu disse: ‘Tá bem, eu quero colaborar mesmo’. Mas depois eu pensei, pensei: ‘Eu estudei tanto...’ (...) Não era desdouro, não. Mas eu fiquei pensando... No dia seguinte eu comprei o Jornal do Brasil. E aí, quando eu vou ler, tá lá: ‘Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, abertas as inscrições’. Eu cheguei perto do meu tio e disse assim: ‘Meu tio, olha, eu vou me inscrever e se eu passar...’ Ele disse, ‘Ivone, você pode se inscrever minha filha, você pode, à vontade. Agora, só tem uma coisa: se você passar muito que bem. Se você não passar o seu primo já vai arranjar um lugar pra você na fábrica.’”



Diploma de graduação em Enfermagem da tradicional Escola Alfredo Pinto.

Equipe de enfermeiras do Hospital do Engenho de Dentro. Formada como assistente social, especializada em terapia ocupacional, Dona Ivone Lara exerceu a profissão por 37 anos.

Aceruo da família



República dos Estados Unidos do Brasil

ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS

DO

SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS

SECÇÃO ESCOLAR *Alfredo Pinto*

O Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, em observância ao regulamento apenso ao decreto governamental n. 17.805, de 23 de maio de 1927, nos artigos 86, 87 e 101, relativos à Escola Profissional de Enfermeiros, criada pelo decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, e considerando a aprovação em todas as matérias do curso escolar, concluído em 11 de Dezembro de 1942 por *Yvonne da Silva Lara*, confere a esta o presente Diploma legal, habilitando-a na profissão de enfermeira visitadora social.

O Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais *Alfredo Pinto*

O Diretor da Seção Escolar *Ernani Lopes*

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1943

A Enfermeira *Yvonne da Silva Lara*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
VOTO - EM 13 de Abril de 1943
Alfredo Pinto
DIRETOR GERAL

De 1941 até 1977, quando finalmente se aposentou, Dona Ivone teve uma carreira exemplar no campo da saúde: aprimorou sua formação, obtendo o diploma de Serviço Social, e concluiu os estudos de pós-graduação em Terapia Ocupacional.

Foi no âmbito da Terapia Ocupacional que Dona Ivone escreveu um dos capítulos mais significativos de sua vida profissional, ao trabalhar com a renomada médica psiquiatra Nise da Silveira – também homenageada nesta exposição.

Nise revolucionou o campo da psiquiatria, recusando tratamentos desumanos para seus pacientes e inserindo de forma pioneira a produção artística como dispositivo terapêutico; por também transitar pelo campo da arte, com sua música, Dona Ivone colaborou com os célebres ateliês da Dra. Nise, com a prática de seu instrumento de predileção: o cavaquinho.

Dona Ivone dedicou-se com afinco à carreira na área da saúde, tanto que ela própria chegou a afirmar: “a minha repartição era sagrada”. Em todos os anos de serviço, segundo ela “sem faltas”, a servidora Ivone Lara mostrou-se uma profissional comprometida, que amava o que fazia. Apesar de tirar férias, religiosamente, no período do Carnaval – época em que podia dedicar-se inteiramente à folia sem prejuízo de suas funções laborais –, não abria mão de sua alegria contagiante durante o resto do ano no ambiente de trabalho.



Homenagem dos médicos e pacientes do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro para Dona Ivone Lara.



Conjunto Nosso Samba, 1973. Programa Luiz Vieira na TV Tupi.

Aceruo da família



Oscar Costa, marido de Dona Ivone Lara, com os dois filhos do casal, Alfredo e Odir.



Maria Bethânia, Dona Ivone Lara e Gal Costa, por ocasião da gravação da faixa *Sonho Meu*, incluída no disco *Alibi*, de Maria Bethânia, de 1978.



Aceruo da família



Aceruo da família

Dona Ivone Lara com Elza Soares.



Aceruo da família





Acerbo da família

Dona Ivone Lara com sua nora Eliana, Elymar Santos e Netinho de Paula.



Acerbo da família

Dona Ivone Lara com Martinho da Vila.





Aceruo da família

*Dona Ivone como Tia Anastácia
no especial da Turma do Balão
Mágico, na TV Globo.*



Aceruo da família

*Dona Ivone em sua casa ao
lado do neto André Luiz.*



*Dona Ivone Lara com um
dos seus bisnetos.*

Aceruo da família



Aceruo da família



Dona Ivone com familiares: sua nora, a esposa de seu neto e seus bisnetos.



Leci Brandão, Gisa Nogueira, Dona Ivone Lara e Luís Sergio B. Nogueira. Projeto Pixinguinha, 1980.




NEGRA MORA
FOR THE PEOPLE


projeto Negro Muro

Desde 2018, o projeto NegroMuro atua no mapeamento da memória negra através da arte urbana. Contra o apagamento, contra o esquecimento, o trabalho artístico desenvolvido pelo muralista Cazé e pelo produtor e pesquisador Pedro Ração exhibe retratos e biografias de personagens históricos negros em grandes muros públicos pela cidade. Além da rua, o projeto também pinta patrimônios históricos como o Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ), o prédio administrativo do Theatro Municipal e o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, onde realizaram a pintura do mural com a imagem da grande homenageada da exposição, Dona Ivone Lara.



Foto: Divulgação Projeto NegroMuro

MULHER DA SAÚDE

A ideia de honrar a memória de Dona Ivone Lara e valorizar sua trajetória como profissional de saúde e servidora do Ministério da Saúde trouxe também a necessidade de homenagear outras mulheres que, com sua atuação, inteligência e determinação, criaram e criam os alicerces para a existência de um Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Seguindo a concepção de um desfile de Carnaval, cada uma delas recebeu, na exposição, um estandarte confeccionado pelo projeto NegroMuro.

As homenageadas redefiniram noções de cuidado, foram pioneiras em determinados campos de atuação, criaram iniciativas que se transformaram em políticas públicas reconhecidas internacionalmente, foram lideranças cuja atuação modificou definitivamente a vida de grupos de pessoas... O que todas têm em comum é o fato de terem deixado marcas profundas na nossa história.

Na sequência, serão apresentados os estandartes que foram exibidos na exposição, seguidos por perfis que trazem, em linguagem simples e acessível, um convite para conhecer a trajetória dessas mulheres.

es

No que diz respeito à pesquisa histórica que sustentou a exposição e a elaboração deste catálogo, dois importantes aspectos precisam ser considerados. O primeiro é a consciência de que só um pequeno número de mulheres tem seu lugar reconhecido no palco da história da saúde pública no Brasil. Não importa o número de mulheres escolhidas, isso representaria apenas uma pequena fração do todo. O segundo e mais delicado é a seleção dos fragmentos da memória que faziam sentido para cumprir os propósitos da mostra.

O objetivo do Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS/CGDI/SAA/SE/MS) é que cada perfil aqui apresentado seja um atrativo para estimular o público a conhecer a história dessas trabalhadoras da saúde, que fizeram e ainda fazem tanto pelos brasileiros.



Ninguém nasce mulher torna-se mulher

SIMONE DE BEAUVOIR

Ana Emília Figueiredo de Oliveira

Odontóloga I

São Luís/MA, 1965

Nascida em São Luís, Maranhão, em 31 de julho de 1965. É bacharela em Odontologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mestra e doutora em Radiologia Odontológica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutora/professora visitante pela University of North Carolina/Chapel Hill-EUA

(UNC-Chapel Hill/USA). Professora titular da UFMA. É coordenadora da Universidade Aberta do SUS da Universidade Federal do Maranhão (UNA-SUS/UFMA) e líder do Grupo de Pesquisa SAITE – Saúde, Inovação, Tecnologia e Educação (CNPq/UFMA). É vice-coordenadora do Laboratório de Bioeconomia, Ambiente, Inovação, Inteligência, Tecnologias, Educação e Saúde – BAITES/UFMA. Desenvolveu diversas pesquisas de relevância para a saúde, tendo, inclusive, recebido menção honrosa por uma delas, no International Association for Dental Research – um dos principais congressos mundiais da área da Odontologia. Em 2009, tomou posse, na condição de membra fundadora, na Academia Maranhense de Ciências (AMC).



Ana Lúcia Paduello

Pedagoga I

Santo Amaro/SP, 1972

Nasceu em Santo Amaro, São Paulo, em 6 de outubro de 1972. É formada em Pedagogia na UNIESP, com especialização em Psicopedagogia pela Faculdade São Braz e pós-graduação em Ciências Sociais no Advocacy Hub. Em 2002, recebe um diagnóstico de doença rara (esclerose sistêmica), que a estimula a fundar, em 2004, um grupo de apoio às pessoas com doenças reumáticas, o GRUPAR-BR. A partir daí, dá início a uma admirável trajetória de militância na saúde. Em 2017, chega ao Conselho Nacional de Saúde (CNS), na representação dos usuários. Já em 2021 é eleita para compor a mesa diretora do CNS. Atualmente, é coordenadora-geral do Grupo de Apoio ao Paciente Reumático no Brasil e representante da Associação Brasileira Superando o Lúpus, Doenças Reumáticas e Raras.



Anna Nery

Enfermeira I

Cachoeira do Paraguaçu/BA (1814 – 1880)

Considerada a primeira enfermeira do Brasil, Anna Nery escreveu seu nome na história por meio de seu trabalho voluntário na Guerra do Paraguai. Viúva desde os 29 anos, Anna viu dois dos seus filhos e seu irmão rumarem para a guerra, que começou em dezembro de 1864. Foi quando decidiu solicitar permissão do ao presidente da Província da Bahia para acompanhar os combatentes no Paraguai e prestar auxílio aos feridos em combate. Atuou voluntariamente e sem recursos materiais em diversas cidades paraguaias, principalmente Salto, Corrientes, Humaitá e Assunção. Nesta última cidade chegou a montar um hospital de campanha.

Em 1923, foi criada a primeira escola de enfermagem de alto padrão do Brasil e, em 1926, ela foi batizada em homenagem à Anna Nery (hoje vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro). Em 2009, por intermédio da Lei nº 12.105, foi a primeira mulher a entrar para o Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.



Cecília Minayo

Socióloga e antropóloga I

Rio Piracicaba/MG, 1938

Nascida em 22 de março de 1938, Maria Cecília de Souza Minayo é socióloga, antropóloga e doutora em saúde pública. É professora da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e do Instituto Fernandes Figueira (IFF), além de pesquisadora emérita da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Recebeu o Prêmio Direitos Humanos, em 2014, das mãos da presidenta da República; o prêmio internacional da Academia Mundial de Ciências (TWAS Awards 2022 – 2024) na categoria Cientista Social, em reconhecimento à contribuição de sua pesquisa aos estudos sobre a violência e os seus impactos na saúde, tendo sido a única brasileira a ganhar essa honraria e, dentre outras homenagens, tem uma premiação que leva seu nome no Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde (CSHS). Seus projetos têm foco no impacto da violência e das desigualdades sobre a saúde das crianças, dos trabalhadores, das pessoas idosas, das pessoas privadas de liberdade, das pessoas com dependências físicas, cognitivas, psicológicas e sociais; também realiza pesquisas sobre políticas de promoção da vida e prevenção da violência, que são referência no Brasil e no mundo.



Dijé Tremembé

Agente Comunitária de Saúde e liderança indígena I

Almofala, Território Tremembé/CE, 1964

Nascida em Almofala, território do povo Tremembé, no Ceará, em 23 de agosto de 1964, foi registrada como Maria de Jesus Sobrinho, embora seja conhecida em sua comunidade como Dijé. É parteira, agente de saúde da comunidade indígena e uma importante liderança local, dedicando boa parte de sua vida à defesa dos tremembés. Em um ambiente predominantemente masculino, foi presidenta do Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi), órgão ligado ao Distrito Sanitário Especial Indígena do Ceará (DSEI/CE), responsável por fiscalizar, debater e apresentar políticas para o fortalecimento da saúde em suas regiões. Ela conta que a plenitude de sua vida é alcançada por meio do movimento indígena e de seus cinco filhos.



Fátima Oliveira

Médica, pesquisadora e ativista l

Graça Aranha/MA (1953 - 2017)

Dedicou sua vida à luta pela equidade em saúde, pelos direitos das mulheres e contra o racismo. Nascida em 1953, sua trajetória profissional e ativista foi marcada pelo compromisso com a saúde pública e os direitos reprodutivos, tendo sido uma voz influente na defesa do Sistema Único de Saúde (SUS) e na luta antirracista no Brasil. Foi uma das primeiras a se posicionar contra o racismo na saúde, além de uma das principais expressões no País pelos direitos reprodutivos femininos, ao lutar pela legalização do aborto e pelo atendimento adequado para as mulheres. Sua obra acadêmica, rica em pesquisas sobre saúde da população negra e bioética, contribuiu significativamente para o debate sobre as interseções entre gênero, raça e classe social na saúde. Fátima foi membro fundadora da Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Sexuais Reprodutivos. Além disso, foi membro do Conselho Diretor da Comissão de Cidadania e Reprodução (CCR) e do Conselho Consultivo da Rede de Saúde das Mulheres Latino-Americanas e do Caribe (RSMLAC). Militou também na União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO).



Fernanda Lopes

Bióloga I

São Paulo/SP, 1973

Formada em Ciências Biológicas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com mestrado e doutorado em Saúde Pública, ambos pela Universidade de São Paulo (USP). Foi coordenadora das ações de saúde do Programa de Combate ao Racismo Institucional, uma iniciativa que reuniu o governo brasileiro e agências das Nações Unidas, com apoio do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional (2004-2007). Foi funcionária do Fundo de População das Nações Unidas no Brasil (UFNPA), a agência de desenvolvimento internacional da ONU que trata de questões populacionais, atuando como representante auxiliar e coordenadora das ações programáticas da instituição. Foi oficial do Programa em Saúde Sexual e Reprodutiva e Direitos, e assessora para HIV/Aids (2007 a 2018). É pesquisadora do Núcleo de Estudos para a Prevenção de Aids da USP e membra do GT Racismo e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Foi conselheira nacional de saúde e membra do Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde. Atualmente, é diretora do Fundo Baobá para Equidade Racial, dedicado exclusivamente à promoção da equidade racial para a população negra no Brasil.



Gabryele Moreira

Física médica e pesquisadora |

Salvador/BA, 1992

Nascida na periferia de Salvador, Gabryele tornou-se a primeira cientista negra brasileira a conquistar o prêmio Marie Curie da Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), com desenvolvimento de trabalhos na Universidade de Coimbra, em Portugal, e no Hospital A.C.C Camargo Center no Brasil. É bacharela em Física Médica pela Universidade Federal de Sergipe

(UFS), mestra e doutoranda em Ciências pelo Programa de Tecnologia Nuclear do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen), na Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é presidenta da Women in Nuclear Brasil, organização sem fins lucrativos de mulheres que trabalham profissionalmente em vários campos da energia nuclear e aplicações de radiações ionizantes. Em 2022, participou como palestrante em um TEDx Talks e ressaltou: “Eu luto para não ser a única; eu luto para não ser a exceção. Luto para que as próximas pessoas negras, mulheres, venham a usufruir desse ambiente acadêmico de uma forma confortável e acolhedora.”



Gulnar Azevedo e Silva

Médica, sanitária e professora I

Rio de Janeiro/RJ, 1953

Nascida em 1953, no Rio de Janeiro, Gulnar é reitora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vencedora do 3º Prêmio “Carolina Bori Ciência & Mulher” na área de Biológicas e Saúde, conferido em 2022 pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Graduiu-se em Medicina pela Uerj, com residência em Medicina Preventiva na Universidade de São Paulo (USP),

e é mestra e doutora em Saúde Coletiva pela Uerj. Foi coordenadora de prevenção do Instituto Nacional de Câncer (INCA) entre 2003 e 2007. É professora do Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro (IMS) da Uerj desde 2000. Faz parte do Steering Committee do CONCORD, programa global de vigilância da sobrevivência em câncer, liderado pela London School of Hygiene Tropical & Medicine (LSHTM). Foi presidenta da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) por três anos, entre 2018 e 2021.



Izabel dos Santos

Enfermeira e educadora I

Pirapora/MG (1927 - 2010)

Izabel dos Santos foi uma figura central na educação profissional em saúde no Brasil, dedicando mais de 50 anos à Enfermagem e ao desenvolvimento de políticas e programas que transformaram a saúde pública no País. Formada pela Escola de Enfermagem Hugo Werneck, em Belo Horizonte, iniciou a carreira no Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), na região Norte de Minas Gerais, contribuindo

significativamente para a organização dos serviços de saúde ao longo do Rio São Francisco. Sua visão inovadora sobre educação em saúde foi fundamental para a criação do projeto Larga Escala, que qualificou técnicos e auxiliares de Enfermagem e serviu de base para o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (Profdae). Por mais de duas décadas, Izabel também foi consultora da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/Brasil), influenciando projetos de formação de nível médio. É uma referência obrigatória para as Escolas de Formação Técnica em Saúde, inclusive dá nome a uma delas, inaugurada em 1989, no Rio de Janeiro. Lutou por uma formação que valorizasse a experiência dos trabalhadores, o que reflete seu compromisso com a equidade na assistência à saúde e a qualidade da educação profissional.



Jaqueline Goes de Jesus

Biomédica I

Salvador/BA, 1989

Nascida em 1989, em Salvador, Jaqueline ganhou notoriedade nacional em 2020, ao coordenar a equipe responsável pelo sequenciamento do genoma do vírus SARS-CoV-2 apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil. Doutora em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em associação com o IG-M-Fiocruz e com período



sanduíche na University of Birmingham, possui uma extensa produção como pesquisadora. Foi homenageada como uma Barbie Role Model pela Mattel, na categoria Cientistas Heroínas, tendo uma boneca criada à sua semelhança como símbolo de representatividade, sobretudo para crianças negras. Recebeu diversas homenagens em reconhecimento à sua atuação científica e em defesa da saúde e do Sistema Único de Saúde no Brasil, entre elas a Comenda Maria Quitéria, pela Câmara dos Vereadores de Salvador, e a Comenda Zilda Arns, pelo Conselho Nacional de Saúde. Foi nomeada uma das 20 mulheres de sucesso de 2022 no Brasil, pela revista Forbes, e contemplada com o Prêmio Maria Império Hamburger pela Câmara dos Deputados. Recentemente, ganhou o Prêmio Inspiradoras do Universo UOL/Avon, na categoria Ciência, além do Prêmio para Mulheres na Ciência da L'Oréal/ABC/UNESCO.

Jussara Cony

Farmacêutica I

Cacequi/RS, 1942

Gaúcha, nascida em Cacequi, em 7 de novembro de 1942, Jussara formou-se em Farmácia e concluiu o mestrado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participou do Movimento de Reforma Sanitária e atuou como Delegada da 8ª até a 17ª Conferência Nacional de Saúde. Teve dois mandatos como vereadora em Porto Alegre e quatro mandatos como deputada estadual no Rio Grande do Sul. Na Câmara dos Deputados, desempenhou os seguintes

cargos: foi presidente da Comissão de Saúde e Meio Ambiente de 1984 a 1987; ocupou o cargo de vice-presidente da Comissão de Saúde e Meio Ambiente em 2013; e foi 2ª vice-presidente da Mesa Diretora da Câmara em 2015. Foi diretora superintendente do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), que fica em Porto Alegre, e secretária do Meio Ambiente do RS.



Maninha Xukuru Kariri

Liderança indígena I

Aldeia Xukuru Kariri, Palmeira dos Índios/AL (1966 - 2006)

Maninha, cujo nome de nascimento era Etelvina Santana da Silva, foi uma liderança indígena emblemática no Brasil, principalmente entre os anos 1980 e 2000. Descendente de uma família de guerreiros, ela seguiu para Recife/PE aos 20 anos com o objetivo de cursar Medicina, mas retornou à sua aldeia após dois anos, decidida a enfrentar a perda constante de territórios e os interesses de exploração sobre a terra de seu povo. Sua trajetória reflete uma profunda conexão com suas raízes e um compromisso inabalável com a luta pelos direitos dos povos indígenas e pela terra. Sua contribuição para a defesa dos direitos humanos foi reconhecida nacional e internacionalmente. Maninha foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2005, pelo projeto “1000 Mulheres”, e, após sua morte, em 2006, foi homenageada com o prêmio “Renildo José dos Santos”, dedicado aos que se destacam na defesa dos direitos humanos e da identidade cultural. Em 2022, a 6ª Conferência Nacional de Saúde Indígena introduziu a Comenda Maninha Xukuru Kariri, para homenagear personalidades que lutaram pela saúde dos povos indígenas.



Mapulu Kamayurá

Pajé, cacica, liderança indígena I

Ipauu, Alto Xingu/MT, 1969

Nascida no território indígena do Alto Xingu, no Mato Grosso, em 23 de junho de 1969, Mapulu tem na própria família um histórico de liderança comunitária e de pajelança. Seu pai, Takumã, era pajé e cacique em seu território, responsabilidades que legou à filha. Com o tempo, ela conquistou por mérito próprio um protagonismo feminino incomum neste espaço mágico-sagra-

do, porém seletivo e majoritariamente formado por homens. Mapulu atua com a medicina tradicional em sua aldeia e nas aldeias próximas, tendo se estabelecido como uma referência como parteira – sendo a mais conhecida do Alto Xingu – e curandeira, dentre outras práticas. Em 2018, foi condecorada pelo Ministério dos Direitos Humanos (MDH) com o Prêmio Direitos Humanos, em reconhecimento a seu destaque na luta pela saúde dos povos indígenas.



Maria Luiza Jaeger

Socióloga e sanitarista I

Porto Alegre/RS, 1951

Gaúcha, nascida em Porto Alegre, em 9 de maio de 1951, graduou-se em Sociologia. É também sanitarista, tendo sido servidora da saúde por mais de 40 anos. Participou da Comissão da Reforma Sanitária representando a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e acompanhou de perto a Assembleia Nacional Constituinte, contribuindo com a seção “Da saúde”. Foi se-

cretária Municipal de Saúde de Porto Alegre no período de 1989 a 1992, secretária de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul, entre 1999 e 2002. Foi também a primeira secretária de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde (Sgtes/MS), entre 2003 e 2005. Ao longo de toda a sua trajetória profissional, dedicou-se à qualificação do trabalho em saúde e ao aprimoramento das políticas públicas de educação em saúde para o fortalecimento do SUS.



Maria Odília Teixeira

Médica I

São Félix do Paraguaçu/BA (1884 – 1970)

Num Brasil que havia promulgado a Lei Áurea há pouco mais de 20 anos, em 1909, uma mulher negra chamada Maria Odília formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, numa turma com outros 47 colegas – todos homens. Na adolescência, dedicou sua vida aos estudos no Ginásio da Bahia, espaço de formação das elites de homens brancos de Salvador/BA. Tornou-



-se bacharela em Ciências e Letras; dominava grego, latim e francês. Entrou no curso de Medicina em 1904 e foi a sétima mulher a formar-se médica na Bahia. Exerceu a profissão na cidade de Cachoeira/BA, com uma clientela majoritariamente feminina e com o atendimento muito elogiado, inclusive em notas de colunas de jornais da região. Em 1914, apenas cinco anos depois da conclusão do curso, foi convidada a retornar à Faculdade de Medicina da Bahia para lecionar Clínica Obstétrica. Ela é a mais antiga médica preta que se tem registro no Brasil e é também a primeira professora negra da Faculdade de Medicina da Bahia.

Margareth Pretti Dalcolmo

Médica I

Colatina/ES, 1954

Margareth Dalcolmo estabeleceu-se como uma das principais referências no combate à covid-19 no Brasil, aliando uma carreira acadêmica de excelência a um incansável trabalho de divulgação científica nos meios de comunicação. Médica pneumologista especialista em doenças pulmonares, com doutorado em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), foi



uma das pioneiras na luta contra o tabagismo no Brasil e, no biênio 2023/2024, tornou-se presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT). Com mais de 120 artigos científicos publicados, sobretudo na área de doenças infecto-contagiosas, ela é defensora aguerrida da ciência, das vacinas e do Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2022, assumiu uma cadeira na Academia Nacional de Medicina, e no ano seguinte, ganhou o título de embaixadora do Movimento Nacional pela Vacinação. Atualmente, é pesquisadora da Fiocruz, sendo referência nacional e internacional em pesquisa e controle de doenças respiratórias.

Nise da Silveira

Psiquiatra I

Maceió/AL (1905 -1999)

Iniciou sua jornada na saúde pública brasileira como a única mulher em sua turma na Faculdade de Medicina da Bahia, aos 16 anos; com tenacidade e paixão pela pesquisa, concluiu o curso aos 21 anos. Focada na busca por métodos terapêuticos inovadores para a esquizofrenia, dedicou-se à Psiquiatria. Insatisfeita com os métodos agressivos de tratamento, em 1946 fundou a Seção de Terapêutica Ocu-



pacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, atualmente Instituto Municipal Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro/RJ. Sua pesquisa e prática revolucionárias foram reconhecidas internacionalmente, recebendo elogios de renomados psiquiatras, como o suíço Carl Jung. Apesar das críticas e desafios enfrentados à época, seu legado floresceu com a criação, em 1952, do Museu de Imagens do Inconsciente, instalado no Centro Psiquiátrico Pedro II, um importante espaço de pesquisa que possui um acervo de mais de 400 mil obras. Além disso, fundou e dedicou-se à Casa das Palmeiras, uma instituição para egressos de hospitais psiquiátricos. Seu legado inspirou a criação de museus, centros culturais e instituições terapêuticas por todo o Brasil e exterior.

Roseni Rosângela de Sena

Enfermeira e professora I

Belo Horizonte/MG (1951 –2016)

Graduada em Enfermagem e com mestrado em Epidemiologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além de doutorado em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (USP), Roseni Rosângela de Sena deixou um legado marcante para a Enfermagem. Coordenou o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Prática de Enfermagem (NUPEPE), na UFMG. Além disso, foi diretora da Escola de Enfermagem da UFMG e da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais, ambas em Belo Horizonte/MG. Humanista, inovadora e participativa em assuntos relacionados à saúde, Roseni de Sena também dedicou sua carreira ao avanço da Enfermagem no âmbito internacional. Prestou consultorias para variadas instituições, sendo uma delas a Fundação W. K. Kellogg, em projetos voltados ao desenvolvimento social, quando realizou visitas a diversos países das Américas e cidades do Brasil. Entre inúmeras honrarias que recebeu, estão a Medalha de Honra Presidente Juscelino Kubistchek, do Governo do Estado de Minas Gerais, e o Prêmio Anna Nery 2015, do Conselho Federal de Enfermagem.



Silvia Cristina Leite

Assistente Social I

São Luís/MA, 1957

Militante das causas negra e feminista há 44 anos, Silvia nasceu em São Luís do Maranhão, em 1957. Graduiu-se em Serviço Social na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e realizou pós-graduação em Sociologia. Já trabalhou em diversas instituições, tanto na atenção quanto na gestão, e possui uma extensa atuação na militância e na academia. Atualmente, é coordenadora do Espaço Mulher do Hospital de Urgência e Emergência Dr. Clementino Moura, setor que idealizou. Foi condecorada em 2020 com a Medalha Manuel Beckman pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, e em 2021 com a Medalha Simão Estácio da Silveira pela Câmara Municipal de São Luís.



Simone Leite Batista

Enfermeira e ativista I

Riachuelo/SE (1957 - 2021)

Formada em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Saúde Pública (ENSP/Fiocruz/RJ) e servidora da Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju, Simone Leite dedicou toda sua carreira à luta pela saúde social. Foi uma importante ativista pela educação popular e pelas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), tendo uma atuação

decisiva na universidade, em fóruns de discussão e na instituição de cursos e capacitações para líderes comunitários. Foi uma das líderes do Movimento Popular de Saúde (Mops) tanto na cidade de Aracaju, como no estado de Sergipe, participando da organização da Rede Nacional de Educação Popular em Saúde (Redepop). Como conselheira titular do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foi representante da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (Aneps) e coordenou a Comissão Intersectorial de Promoção, Proteção e Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Teve um importante papel como ativista pela instituição da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS).



Vera Lucia Luiza

Farmacêutica I

Rio de Janeiro/RJ, 1961

Filha de empregada doméstica e ex-favelada, Vera Lucia é farmacêutica e mestra em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e concluiu em 2003 seu doutorado em Saúde Coletiva pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Atuou como pesquisadora visitante na Universidade de Harvard em 2009. Aposentada, continua

trabalhando como pesquisadora voluntária em saúde pública no Departamento de Política de Medicamentos e Assistência Farmacêutica (NAF/ENSP/Fiocruz), que também é Centro Colaborador da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) em Políticas Farmacêuticas. Ela participou e coordenou projetos de pesquisa sobre acesso a medicamentos com diferentes níveis de governo e ONGs no Brasil, além de outros países da América Latina e da África. Em 2022, foi uma das escolhidas para ser agraciada com o Prêmio Helen-Clark 2022, da publicação *Journal of Pharmaceutical Policy and Practice*. A pintura do estandarte de Vera foi baseada em uma fotografia feita por seu ex-orientando de mestrado e amigo, Luiz Villarinho Pereira Mendes.



Wanda Horta

Enfermeira e professora I

Belém/PA (1926-1981)

“Gente que cuida da gente”: com essa frase marcante Wanda Horta definia o profissional de Enfermagem, classe à qual dedicou toda sua trajetória profissional e pensamento crítico. Ela teve uma formação múltipla, que incluiu licenciatura em História Natural e mestrado em Pedagogia, além da graduação e pós-graduação em Enfermagem, o que contribuiu para sua visão dinâmica sobre o cuidado que engloba os aspectos, nem sempre consonantes, de arte humanitária, ciência e ofício. Sua principal contribuição foi a Teoria das Necessidades Humanas Básicas (NHB), que ressalta a importância de atender às necessidades biopsicossociais dos pacientes para promover a saúde e o bem-estar, devendo os enfermeiros avaliarem as demandas dos pacientes e fornecerem cuidados que os atendam de maneira holística. É uma das teorias mais influentes na prática da Enfermagem no Brasil, sendo largamente estudada nas escolas e universidades.



Zilda Arns

Pediatra e Sanitarista I

Forquilha/SC (1934 - 2010)

Formada em Medicina pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Zilda se especializou em Saúde Pública e Pediatria, com o objetivo de enfrentar um dos maiores problemas do Brasil no século XX: a mortalidade infantil. Destacou-se por seu incansável trabalho social, especialmente na promoção da saúde infantil e no apoio à população idosa. Fundou a Pastoral da Criança, em 1983, e a Pastoral da Pessoa



Idosa, em 1993, duas importantes organizações ligadas à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O ponto central do modelo criado por Zilda Arns nas pastorais é o desenvolvimento de ações comunitárias baseadas na solidariedade e no voluntariado, visando à promoção da saúde, nutrição e educação. Foi reconhecida com inúmeros prêmios em vida, como o "Heroína da Saúde Pública das Américas", concedido pela Organização Pan-Americana da Saúde, em 2002, e a medalha Pacificador da ONU Sérgio Vieira de Mello, concedida pelo Parlamento Mundial de Segurança e Paz, em 2005. Zilda Arns faleceu vítima de um devastador terremoto no Haiti, enquanto participava de uma missão humanitária no País. Chegou a ser postumamente indicada ao Prêmio Nobel da Paz, em 2011.



Foto: Julia Prado/MS.

Da esquerda para a direita: Eva Patrícia Lopes, coordenadora-geral de Documentação e Informação (CGDI); André Lara, um dos netos da Dona Ivone Lara; Eliana Soares Martins da Costa, nora e gestora do acervo deixado por Dona Ivone Lara; Nísia Trindade, ministra de Estado da Saúde; Swedenberger Barbosa, secretário-executivo do Ministério da Saúde (SE); e Fabíola Simoni, coordenadora do Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS), durante a inauguração oficial da exposição.



Foto: Julia Prado/MS.

Nísia Trindade, ministra de Estado da Saúde.



Foto: Julia Prado/MS.

Swedenberger Barbosa, Nísia Trindade, Eliana Soares Martins da Costa e Fernando Cazé, do NegroMuro.

Foto: Julia Prado/MS.



Em destaque, Nisia Trindade e Eliana Soares Martins da Costa apontam para os painéis da exposição.

Foto: Julia Prado/MS.



Da esquerda para a direita: Fernando Cazé, Swedenberger Barbosa, Nisia Trindade, Eliana Soares Martins da Costa, Pedro Rajão, do NegroMuro, e André Lara apreciam a mostra.



O músico André Lara, um dos netos da Dona Ivone Lara, canta durante a abertura oficial da mostra.



Foto: Julia Prado/MS.

Da esquerda para a direita: Nísia Trindade; Larissa Leite, filha de Simone Leite Batista, uma das homenageadas da exposição; Swedenberger Barbosa; e Eva Patrícia Lopes.



Zé Gotinha com estudantes do Centro de Educação Profissional Professora Teresa Ondina Maltese, do Gu



Foto: Mônica Ouirega/CGDI.

Estudantes do Centro de Educação Profissional Professora Teresa Ondina Maltese, do Guará/DF.



Rodrigo Abreu, servidor da CGDI, e alunos do Centro Educacional São Francisco, de São Sebastião/DF.



Letra Nísia e autoridades do MS recebem a primeira-dama do Brasil, Rosângela Lula da Silva, a Janja, durante a visita ao Espaço Cultural Dona Ivone Lara.



A Trindade e Swedenberger Barbosa inauguram a placa comemorativa do Espaço Cultural Dona Ivone Lara.



Foto: Rafael Nascimento/MS.

Ministra Nísia Trindade e Janja.



Foto: Rafael Nascimento/MS.

Em destaque, Nísia Trindade, Janja e Rodrigo Abreu durante visita à exposição.



Foto: Mônica Quiroga/CGDI.

Rodrigo Abreu media visita com alunos do Centro Educacional São Francisco, de São Sebastião/DF.



Conte-nos o que pensa sobre esta publicação. Responda a pesquisa disponível por meio do QR Code abaixo:





Biblioteca Virtual em Saúde
do Ministério da Saúde
bvsms.saude.gov.br

Acesse a obra na BVS
por meio do QR Code:



CCMS
CENTRO CULTURAL
MINISTÉRIO DA SAÚDE



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO